



## VEJA: OS MITOS DA VIOLÊNCIA NA MÍDIA

**Geélison Ferreira da Silva**<sup>\*</sup>, **Maria Ângela Figueiredo Braga**<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** Abordamos neste trabalho o problema da criminalidade violenta no Brasil e também os mitos criados na tentativa de alcançar soluções alternativas. Tratamos do papel da mídia na construção e/ou manutenção desses mitos utilizando alguns exemplos da manifestação midiática a esse respeito, demonstrando seus pontos falhos e argumentando a partir de estudiosos que desmistificam a questão. A mídia faz uso de teses equivocadas que têm, muitas vezes, raízes no Evolucionismo, Positivismo Jurídico, Higienismo ou Sanitarismo Social, etc.

**Palavras Chave:** Marginalização; Mídia; Mitos; Violência Urbana;

---

### Introdução

Já não é novidade iniciar um artigo que trata do tema “*violência*” dizendo ser esse um dos assuntos mais debatidos na sociedade atual ou, ainda, que mais aparecem na mídia chamando a atenção de sociólogos, antropólogos e outros especialistas. Exatamente pelo fato de ser, a criminalidade, um assunto da “moda”, onde todos se posicionam manifestando opinião.

Diz o vulgo que “*sobre religião, política e futebol não se discutem*”. Não se discute por serem assuntos polêmicos e que raramente conduzem os envolvidos no

---

\* Acadêmico do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), com o projeto de iniciação científica “Violência, Crime e Pobreza: A Perspectiva Dominante e a Ação da Polícia”.

E-mail: [geelisonfs@yahoo.com.br](mailto:geelisonfs@yahoo.com.br)

\*\* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, graduada em Administração de Empresas pela Unimontes, especialista em Sociologia pela Unimontes, especialista em Métodos e Técnicas de Pesquisa pela Unimontes, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Doutoranda em Sociologia e Política pela Universidade Estadual de Minas Gerais, UFMG.

E-mail: [shakti@uai.com.br](mailto:shakti@uai.com.br)

Apoio Financeiro: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais, Fapemig.

diálogo a um consenso. Acreditamos que *violência* e *criminalidade* são assuntos tão divergentes quanto, *política*, *religião* e *futebol*, ou até mais. Entretanto essa máxima popular não se aplica aos cientistas sociais, uma vez que a sociologia, assim como as outras ciências, vive em uma constante *dialética*. A *tese* é superada pela *antítese* originando uma nova *tese*. Assim a sociedade bem como a ciência se perpetua.

Diversas são as teses da sociologia da violência e criminalidade que buscam “soluções” para os problemas originários de sua compreensão. Para receitar um remédio é, antes, necessário saber o que provocou a doença, saber qual foi sua origem, para então, se aplicar o antibiótico e também disponibilizar a vacina que erradicará o vírus. Uma dessas “*fórmulas mágicas*”, facilmente interpretadas pelo senso comum, seria a de acabar com a *criminalidade* através da eliminação da *pobreza*. Para muitos a ausência de oportunidades ou, as péssimas condições de vida de grande parte da população brasileira geram, como efeito conseqüente, as altas taxas da *criminalidade violenta*<sup>1</sup> principalmente nos grandes centros urbanos.

Essa análise é considerada simplista por uma série de cientistas sociais que, por não se contentarem com uma resposta mais fácil e cômoda, fazem estudos aprofundados afirmando a complexidade do tema e evidenciando a não sustentação de perspectivas superficiais que, filosoficamente, não se esforçam na busca por uma verdade ou explicação e, cientificamente, não procuram uma análise empirista para então apresentarem um argumento sólido e baseado em uma reflexão densa e de teste eficaz.

### **Medo e mídia**

Apesar da complexidade da matéria, muitos são os que se sopesam peritos. A *mídia*, por exemplo, expõe assunto pintando o quadro numa moldura maior do que é de fato. Cria-se um monstro gigante que amedronta os indivíduos. Estes, por sua vez se escondem e se protegem com muros e aparatos tecnológicos para se manterem intocados pelo grande bicho da *violência*. Questiona-se o fato de que num período onde a *violência* nos Estados Unidos decresceu em 20% a exposição de reportagens com esse conteúdo aumentou 600% (GLASSNER, 2003).

Na cidade de Montes Claros (MG), também temos uma sociedade *insegura* e que não busca órgãos, ou pouco se mobiliza, para tentar resolver o problema. É preciso

---

<sup>1</sup> Os crimes violentos são: assassinato, estupro, crimes contra o patrimônio e lesão corporal grave. (POLICIA MILITAR DE MINAS GERAIS-10ºBPM, 2005).

ressaltar que o *medo da violência*<sup>2</sup> favorece a criação de estereótipos, contribuindo ao distanciamento social e favorecendo a geração de violência, promovendo, portanto, a criação de um círculo vicioso.

Uma pesquisa realizada pelo Departamento de Ciências Sociais da Unimontes<sup>3</sup> revela que,

[...] é alta a sensação de insegurança da população de Montes Claros – MG. Mesmo durante o dia, 41,4% dos entrevistados se sentem inseguros ou muito inseguros ao andar nas ruas de sua própria vizinhança, enquanto apenas 24,6% se sentem seguros, 2,5% se sentem muito seguros e 31,4% se sente nem seguro nem inseguro. O grau de insegurança da população aumenta no período da noite: 43,7% revelam se sentir muito inseguro; 34,2% dizem se sentir inseguro; 14,8% nem seguro nem inseguro; 6,8% seguro [...] Preocupou-se, portanto, em avaliar o grau de confiabilidade desses moradores na Polícia como também o grau de confiabilidade em outras instituições como associação de moradores, demonstrando o nível de capital social construído por essa população. É interessante perceber que mesmo afirmando que ocorrem determinados problemas em seus bairros é grande a inércia da população. Além do fato que é baixo o índice de pessoas que recorrem à polícia... Quanto ao problema do tráfico de drogas 65,4% afirmam não procurar ninguém ou não fazer nada enquanto 28,5 % procuram à polícia [...] Podemos observar então que apesar de ser grande a sensação de insegurança da população de Montes Claros, também é grande a sua falta de ação com relação a esse problema, assim como é baixo o grau de confiança depositado na polícia. (SILVA & BRAGA, 2007).

Enquanto a população se mune de *medo*, os políticos, que não dão conta de resolverem os problemas sociais, se aproveitam deste e da sensação de insegurança instalada para produzirem discursos a respeito de uma política de segurança pública, ou de repressão pública ostensiva que deve ser implementada. É mais fácil mandar soldados para as “áreas de risco” do que oferecer saúde, educação, trabalho e lazer a população pobre das cidades, que sofrem as piores conseqüências do sistema (GLASSNER, 2003).

O aumento nas taxas de crime se dá pela insuficiência do estado em manter a sociedade coesa e controlada. É a transformação dos crimes isolados em crime organizado o centro originário da violência atual. A ligação entre *Polícia* e o *Crime Organizado* tem sua gênese na crise moral institucional que resulta no crescimento da corrupção policial favorecendo o crime organizado (SILVA, 1999).

---

<sup>2</sup> Medo que se apresenta maior que a realidade. Promovido pela supervalorização dos crimes violentos. Conceito melhor contemplado em Caminhas (2006) e Glassner (2003).

<sup>3</sup> Pesquisa Coordenada pela Professora Maria Ângela Figueiredo Braga, no mês de junho de 2007. Foram aplicados 400 questionários pelos alunos da Disciplina Sociologia da Criminalidade e Violência no 1º semestre de 2007. A montagem do banco de dados e análise estatística foi feita por Geélison F. Silva sob a orientação de Maria Ângela F. Braga. A pesquisa tem uma Margem de erro de 5% e índice de confiança de 95%.

Edmundo Campos (1980: 378) diz que:

Ao argumentar a tese da associação positiva entre pobreza e criminalidade concede-se o aval não apenas a distorções dos dados oficiais. Mas também – e muito mais grave – as perversões das práticas policiais que as produzem.

A associação entre *crime e pobreza* faz com que o crime seja combatido e punido com mais rigor e frequência e de forma repressiva nas classes mais desfavorecidas economicamente da sociedade, em detrimento do favorecimento, da tolerância e da impunidade de crimes cometidos por indivíduos detentores de poder, seja ele, político ou econômico.

Enquanto se diz que os pobres da cidade são violentos, a atenção da *violência* que eles sofrem é invertida. A *violência* de se morar ao lado de condomínios de luxo, mansões fortificadas etc., ao pé das ostentações de ricos, sem, muitas vezes, ter acesso ao mínimo necessário para uma vida digna, é esquecida (PEDRAZZINI, 2006). Simultaneamente o setor de segurança privada cresce e, quanto mais medo as pessoas têm, mais êxito tem o ramo.

### **Ideologias de dominação e suas raízes históricas**

As diferentes classes sociais não recebem mesmo tipo de tratamento com relação ao crime. E quem também tem sua parcela de contribuição para a consolidação desse fato no Brasil é o *positivismo jurídico*, que é uma forma de pensamento científico que corrobora para a manutenção da ordem vigente ao ser deficiente, de forma geral, em três aspectos: filosófico, político e social.

Durkheim (2002), seguindo os preceitos do positivismo, considera que os fenômenos sociais devem ser tratados como “coisa”. O cientista que se propõe a estudar determinado fenômeno deve distanciar-se dele, como quem está de fora e não deve interferir no fenômeno, livre de pré-noções. Observar sem se envolver.

No *positivismo* ocorre uma transferência dos métodos utilizados nas ciências naturais (química, física, biologia) para as ciências humanas e sociais. Todo indivíduo ou instituição social é percebido como um órgão que desempenha uma função específica, numa ordem que não deve ser alterada durante o teste ou experiência científica realizada.

Para Max Weber (1989) não pode existir uma análise objetiva “pura” nas ciências sociais, por causa dos condicionamentos que estão presentes no próprio

processo de escolha do objeto de pesquisa. Ao realizar determinado estudo devem ser observados aspectos culturais, além do contexto histórico inerente. Ao tomar a sociedade como coisa, o *positivismo* não faz uma reflexão acerca dos contextos sociais, cometendo o que Richard Quinney (1980) chama de *falha filosófica*. Aí está, também, a origem de outras duas falhas.

É pela falta de pensamento e simples reprodução que o *positivismo* contribui para a perpetuação da ordem vigente, o que incorrerá na sua *falha política* uma vez que se posiciona em benefício dos poderosos, representando assim a manutenção da ordem estabelecida, significando sua *falha social*. A corrente positivista se encontra intensamente presente na formação do estado brasileiro. Temos com isso, processos históricos que há muito marginalizam e criminalizam os menos favorecidos da sociedade brasileira.

Com a assinatura da lei áurea em 13 de maio de 1888, os ex-escravos podiam desfrutar da tão sonhada liberdade, não fossem tão precárias as condições de vida quando se tornaram “livres”. A liberdade esperada veio através de pressões externas, mas também movimentos de resistência, o que deixava eminente um grande levante.

Apesar da liberdade oficial, muitos ex-escravos preferiam permanecer nas casas de seus senhores, a troco de salários muito baixos. Muitas vezes os maus tratos ainda persistiam (ASSIS, 1994). Entretanto morar com o Senhor poderia ser útil quando era encontrado nas ruas pelas autoridades, já que nesse período os motivos mais frequentes das prisões eram vadiagem e embriaguez.

Muitos dos ex-escravos que optaram ou foram obrigados a sair da casa do Senhor ficaram sem trabalho. O que era crime na época. Além de não ter as condições necessárias para uma vida de qualidade, era tido como criminoso. O simples fato de não se ter um emprego fixo era considerado crime de vadiagem. Queria-se com isso transformar o Rio de Janeiro, então capital da nascente república, em cidade modelo para todo o país. O objetivo a ser alcançado era o de se ter uma “capital limpa”, “cidade maravilhosa” (ZALUAR, 1996).

A república que foi proclamada em 15 de novembro de 1889 adotou como símbolo uma bandeira com as inscrições *ordem e progresso*. Tal inscrição fazia referência ao lema do positivismo, que era: “O amor por princípio, ordem por base, o progresso por fim”. Dessa forma, temos o início da construção da república brasileira fundamentada sobre ideais positivistas que estavam diretamente relacionados ao *evolucionismo*.

Em 1908 foi criada a Eugenics Society, que em 1929 tem como um dos temas de discussão “o problema eugênico da migração”. O boletim publicado propunha a extinção das migrações não brancas para o Brasil. Era a ideologia da superioridade da raça branca se manifestando, e fazendo a tentativa de se embranquecer o Brasil.

### **Mídia e mitos**

Atualmente são muitos os *mitos* existentes no tocante a questão da *violência e criminalidade*. Um agravante para a perpetuação das ideologias marginalizantes, além da super-exploração da violência é o fato de que muitas vezes a *mídia* divulga e fomenta os mitos e essas pseudoteorias.

Iremos agora mostrar alguns exemplos, de alguns importantes veículos de comunicação, de alcance nacional veiculando reportagens que promovem os *mitos* relacionados à *violência e criminalidade*. Essas empresas de comunicação, apesar de obter respaldo por grande parcela da população e de encabeçarem os primeiros lugares no do que diz respeito à utilização dos brasileiros em seu ramo de atuação, não poucas vezes, por necessidade de maior aprofundamento e investigação, traz publicações equivocadas.

Como primeiro exemplo, citamos a capa da Revista Veja na Edição de 24 de janeiro de 2001, cujo título “O Cerco da Periferia”. A esse respeito Magnoli & Araújo (2007) escrevem um artigo intitulado “Ideologia do sanitarismo social identifica a periferia ao crime”, onde os autores identificam quatro pilares do preconceito da referida reportagem.

1) A abordagem histórica errada do processo de metropolização, já que a matéria coloca o crescimento metropolitano como sendo um fenômeno atual quando na verdade o crescimento em maior ritmo se dá principalmente nos anos pós-segunda guerra. 2) A interpretação equivocada das estatísticas sobre a urbanização, quando diz que a urbanização do Brasil é de 80% comparando com a China de 31%, não considerando que os critérios censitários são diversos entre os países, invalidando tal comparação. 3) A manipulação inescrupulosa das estatísticas sociais e econômicas, como por exemplo, construindo uma média de características dos centros de algumas capitais do Brasil e outra das periferias, negligenciando relevantes especificidades de cada cidade ao se

fazer uma média única, o que impacta no resultado da análise. 4) A incompreensão dos mecanismos concretos de segregação urbana, considerando que nas periferias só há pobreza, não levando em conta os bairros de classe alta edificadas às margens das cidades.

A reportagem associa *periferia* à *criminalidade* reavivando a ideologia do Higienismo ou Sanitarismo Social do séc. XIX.

O sanitarismo social é um programa de ação que vem sendo aplicado há anos em diversas metrópoles brasileiras. Esse programa manifesta-se nas chacinas intermitentes em favelas e bairros periféricos, nas rondas e batidas policiais que humilham os pobres, na multiplicação das empresas privadas de segurança patrimonial, na indústria de blindagem de veículos, na proliferação de condomínios fechados e murados. O programa do sanitarismo social jamais reduziu a violência ou ampliou a segurança nas cidades. Mas vende revista (MAGNOLI & ARAÚJO, 18/09/2007).

Gomes (2007), escrevendo para O Globo Online, comenta o resultado de um levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU), que diz que até o ano de 2030, 90% da população do Brasil viverá em áreas urbanas. O jornalista cita o prefeito de São Paulo - SP Gilberto Kassab para dizer que 1,4 milhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza na cidade, e 800 mil famílias vivem em condições inadequadas, ou seja, 3,2 milhões de pessoas.

Em seguida, Gomes (2007) reporta a fala do secretário de assistência e desenvolvimento social Floriano Pesaro que diz que a cidade de São Paulo – SP possui maior concentração de pobreza do continente americano. O que significaria uma população com baixa renda, baixa escolaridade, e número grande de mães solteiras e mães adolescentes com muitos filhos. “– *Os pobres estão nas franjas da cidade, onde a qualidade de vida é ruim. Isso provoca um choque de interesses e gera violência.*”

Os dados quantitativos que o jornalista utiliza não são questionados, entretanto ele constrói sua matéria começando pelos resultados do levantamento da ONU, passando por uma ênfase na pobreza do Brasil, desembocando na fala de Floriano Pesaro supracitada que diz que os pobres estão nas “*franjas da cidade*”. Não considera ele, que os bem dotados de dinheiro não querem mais morar nos grandes centros, antônimo de periferia. Isto já é constatado por estudiosos como Magnoli & Araújo (2007) e Misse (2007), que diz que já não é possível considerar a periferia como local habitado tipicamente por pobres e o centro tipicamente por ricos.

A necessidade de reavaliação do conceito de centro e periferia utilizados desta forma pode ser percebida numa simples observação da região leste de Montes Claros – MG, onde se tem o bairro Ibituruna, habitado tipicamente pela classe alta, enquanto ao lado, na mesma periferia, se localizam os bairros Vila Oliveira e Vila Mauricéia com um perfil socioeconômico diverso do primeiro bairro citado.

O secretário Pesaro, pelo que Gomes (2007) apresenta, fala da baixa renda, baixa escolaridade, número grande de mães solteiras e mães adolescentes com grande número de filhos, para dizer que isso provoque choque de interesses e geração de violência. Como apresentado, parece ser os pobres os causadores da violência, não por serem culpados, mas tão somente por serem pobres. Parece que o simples fato de se fazer parte de algum dos grupos citados já é comum se tornar um criminoso violento. É natural que o pobre seja criminoso? A reportagem promove, ao contrário de alguma solução ou minimização para a *pobreza* ou *criminalidade*, o preconceito e a manutenção dos estereótipos existentes, o que evidentemente apenas aumenta a segregação social.

Já França (2004) parece a muito ter incorporado a o mito de que a violência se dá na periferia das cidades o que já é contestado por Beato (2006), Campos (1980), Magnoli & Araújo (2007), Misse (2007, 1995), Paixão (1990), Pedrazzini (2006), Zaluar (1996) etc.

França (2007) está tão armado desta ideologia que considera o “*banditismo*” como principal problema das favelas.

Em primeiro lugar é preciso chamar as coisas por seus nomes próprios. Banditismo é a causa principal dos problemas nas favelas. É desviar a atenção da questão central chamar de violência a ação de bandos armados dedicados ao tráfico de drogas e ao assassinato dos rivais e dos inocentes que se colocarem no seu caminho. Violência é a do trânsito e a da natureza quando a maré e os ventos assolam as orlas ou quando as chuvas torrenciais provocam enchentes. Não existe, portanto, uma luta contra a violência. Contra os bandidos, sim, é possível e urgente não apenas lutar como ganhar a batalha (França, 21/04/2004).

França (2004) deveria ser avisado, mesmo que por Gomes (2007), de que, além da violência, nas favelas, existem outros problemas não menos graves que devem ser resolvidos, a começar pelo preconceito e marginalização. O preconceito de França (2004) não permite que ele perceba que muito mais de que agir com violência, os cidadãos que têm na favela sua moradia, carece de acesso a uma série de direitos a muito adquiridos. Mais que promotores da violência nas cidades os pobres sofrem a violência das cidades que os maltrata, marginaliza e criminaliza (Pedrazzini, 2006).

França (2004) chega a dizer que não há identidade entre os moradores de favelas ou bairros pobres.

Definir os moradores de favelas e bairros pobres como "comunidades" é uma fraude. Comunidade implica a existência de uma comunhão e de uma identidade compartilhada. Não existe identidade entre os 56.000 moradores da favela ou entre os proprietários das 2.600 empresas ali instaladas, e os traficantes que os impedem de trabalhar e abrir as portas de suas lojas. O que existe é medo por parte dos pequenos empresários e impunidade dos traficantes. Há mais identidade entre os moradores do Leblon ou de Copacabana do que entre os habitantes da Rocinha. Não ocorre a ninguém, porém, chamar esses bairros chiques de comunidades (França, 2004).

Não iremos aqui, cometer o mesmo erro de França (2004) quando diz que não há identidade entre os moradores de favelas, e que no Leblon e Copacabana há mais identidade do que nos bairros pobres, mas colocaremos alguns questionamentos que uma pesquisa aprofundada poderia responder.

Será que os trabalhadores das favelas, que constituem a maioria dos que as habitam, somente se relacionam, se é que todos se relacionam, apenas com os traficantes? Será que esses trabalhadores e suas famílias não compartilham de uma mesma linguagem, de uma mesma cultura, e de um mesmo conjunto de símbolos a ponto de não haver identidade entre si? Será que os habitantes das favelas não se relacionam com seus vizinhos, não trocam favores, ou não se comunicam? Será verdade que em bairros como, Copacabana e Leblon, existe mais identidade que nas favelas? Será que nesses bairros de luxo, as pessoas superam os obstáculos dos muros altos com cercas elétricas, circuitos de segurança, e outros recursos tecnológicos para se encontrarem, e assim estabelecer uma relação próxima e de solidariedade? Onde há mais identidade, é nesses bairros de segurança máxima onde se tem mansões com quartos espaçosos, ou nas favelas onde em um barraco pequeno, muitas vezes de madeira, 5 pessoas dividem o mesmo espaço parecendo desafiar as próprias leis da física?

O leitor crítico percebe já nas primeiras linhas da reportagem da revista Veja que o autor tira conclusões, seja por negligência ou por falta de esforço reflexivo, sem fazer nenhum dos questionamentos acima ou nenhum outro que sua criatividade poderia ter gerado. O que o conduz a fazer uma afirmação com nenhuma fundamentação teórica ou comprovação empírica.

## **O mito e crítica**

A separação entre ricos e pobres que existe desde os primórdios da sociedade brasileira se apresenta por meio de obstáculos físicos como: cercas elétricas, circuitos de segurança e muros que formam barreiras para a uma cidadania<sup>4</sup> (CAMINHAS, 2006). Os Senhores que antes prendiam seus escravos para que não fugissem, ora fazem fortes para que os bárbaros não invadam suas edificações. É a segregação social definindo os espaços através da especulação imobiliária que protege os assentos da “*área VIP*” de espaços urbanos, reservando terrenos que se tornam bairros de classe alta destinados aos “bem-dotados” de capital, enquanto resguardam as canchas sob as redes de alta tensão, as encostas dos morros e as regiões inundáveis para os desprovidos de dinheiro.

Podemos analisar a presença de três mitos presentes em teorias da violência e criminalidade. 1) O mito da das classes sociais e da criminalidade; 2) O mito das classes perigosas e da patologia; 3) O mito da ordem e da desordem (PAIXÃO, 1990).

Com relação ao primeiro mito, argumenta-se que a hipótese de que o crime apresenta afinidade com a pobreza, mas não explica a incidência de violência em todos os estratos sociais e, também não explica o porquê de a maioria dos pobres não ser criminoso, uma vez que os ganhos do crime são superiores ao salário mínimo. Existem também estudos que mostram a redução dos índices de criminalidade ao mesmo tempo em que aumenta os índices de desemprego (BEATO, 2006; CAMPOS, 1980; GLASSNER, 2003).

Quanto ao mito de número 2, que engloba nas classes perigosas, vagabundos, criminosos, prostitutas, desempregados, e subempregados, apresenta esses grupos como emergência a ordem social. Segundo Paixão (1990) os conservadores não diferenciavam a criminalidade difusa das ruas da criminalidade violenta das rebeliões e motins. Esses grupos eram interpretados como ameaça a segurança das elites e à autoridade política. Para o autor é a aliança entre o a marginalidade e o narcotráfico quem traz de volta, o que ele chama de *metáfora das classes perigosas*.

Relativamente, a *ordem e a desordem*, Paixão (1990) diz que as categorias podem se confundir e, no conluio das autoridades públicas e dos focos de desordem, ou seja, entre lei e transgressão, para não dizer, entre os que defendem a ordem legal e os que a transgridem.

---

<sup>4</sup> Caminhas (2006) ressalta que a criminalização dos pobres favorecida pelo *medo da violência* se constitui enquanto mais um entrave para que esta população tenha acesso aos seus direitos.

Antônio Luiz Paixão é um dos sociólogos que buscam a desmistificação do assunto ao invés de se contentar com as ideologias correntes sem fazer um questionamento mais profundo, além de uma análise sistêmica para assim expor seus argumentos.

Misse (2007) discute cinco teses equivocadas da criminalidade urbana no Brasil. Ele começa tratando da correlação entre *pobreza e criminalidade*, que também poderiam ser chamadas de: *teorias da classe perigosa; teorias da marginalidade; estratégias de sobrevivência*. Essas teorias não explicam o fato de que a maioria dos crimes é cometida por jovens do sexo masculino em todos os estratos sociais, o que corrobora com o argumento de Paixão.

A segunda tese criticada por ele é a de que o “bandido” se encontra nas áreas mais pobres da cidade, o que não procede, uma vez que os mais altos índices de criminalidade se dão em regiões mais ricas (BEATO, 2006; MISSE, 1995;).

A terceira tese é a de que grupos como: capoeiras, negros e mulatos das favelas utilizavam de estratégias como a ética da malandragem como técnica de sobrevivência. Essa tese não se sustenta principalmente após a organização do crime que, ora, se apresenta muito mais como empresas que dentro do sistema capitalista buscam meios de lucratividade (MISSE, 2006; PAIXÃO, 1990; ZALUAR, 1996).

A quarta tese refere-se à atribuição aos migrantes da zona rural, principalmente os nordestinos e nortistas ao aumento da criminalidade. O que é facilmente desmantelado ao verificarmos que o crime é praticado nas mesmas proporções, independentemente da origem.

A última tese criticada por Misse (2007) é a que relaciona a violência à luta de classe. Uma das críticas realizadas é a de que a maioria dos crimes não é praticada em benefício de uma classe específica, mas ao contrário se dá em favor de interesses individuais restritos (MISSE, 2007; ZALUAR, 1996).

Foram nos estados mais ricos e de maior urbanização que ocorreu maior aumento nos índices de criminalidade, enquanto, houve menor aumento naqueles mais pobres e de povoamento mais antigo onde as relações são mais tradicionais e seus habitantes levam fama de resolver conflitos “à moda sertaneja”, a “base da peixeira”. É a falta de regras sociais que caracteriza a sociabilidade violenta. “Sem regras toda e qualquer cooperação social se torna impossível” (ZALUAR, 1996: 108).

Fazendo uma ligação entre *condição econômica* e *crime*, a correlação entre *criminalidade* e *pobreza* não poderia ser feita. Mas sim entre *criminalidade* e *riqueza*, já

que em termos proporcionais o estado de Minas Gerais tem maiores taxas de crimes violentos nas regiões onde o Índice de Desenvolvimento Humano<sup>5</sup> é mais elevado e a população é mais concentrada. A região com os maiores índices de criminalidade na cidade de Montes Claros - MG se dá exatamente nos bairros do centro da cidade e nos de classe alta e média, que compreende a região do Jardim São Luiz, Melo e Todos os Santos (COPOM, 2005).

Nestas regiões, por seu caráter de urbanização e pelo próprio modo de vida urbano mais individualista, as ações são menos pautadas por valores tradicionais, existem menos mecanismos de controle social (SIMMEL, 1987). Há também melhores oportunidades para se praticar crimes contra o patrimônio, e mais chance de se obter sucesso na fuga, uma vez que, dificilmente se encontra um conhecido, além da diversidade de lugares existentes, que podem servir como esconderijo. Muito tem influenciado o tamanho da cidade nos índices de criminalidade e são as cidades de porte médio, como Montes Claros – MG, que apresentam as maiores taxas (BEATO, 2006).

### **Considerações finais**

O Brasil é um país onde existem grandes discrepâncias sociais, que aqui sobrevivem desde os tempos de colônia. Nesse processo de dominação e estratificação social os grupos mais desfavorecidos, além de não ter acesso às condições necessárias para se sobressair no sistema recebem a “culpa” das mazelas da sociedade enquanto na verdade apenas sofrem as piores conseqüências dela. Isso é evidenciado nos mitos existentes no tocante a questão da *violência e criminalidade*.

Existem teorias e ideologias que corroboram para a criminalização e marginalização dos pobres, como por exemplo, o *positivismo jurídico, evolucionismo, sanitarismo e higienismo social*. Essas ideologias além de não atingirem o problema no seu germe, promovem a criação ou manutenção de estereótipos. Contribuem para o distanciamento social. Como discutido acima, quanto mais coesa é uma comunidade, ou quanto mais capital social possui menores tendem a ser os índices de criminalidade (DIAS JUNIOR, 2006).

---

<sup>5</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa de pobreza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores para os diversos países do mundo. É uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população.

Isso se dá por causa de uma maior vigilância entre os atores sociais, além de que numa sociedade com uma moral mais enraizada os indivíduos se sentem inibidos a transgredirem as regras socialmente pré-estabelecidas.

Tanto o *medo da violência* quanto o *preconceito*, distancia os indivíduos com relação aos outros, enfraquecendo os laços sociais. Isto favorece as práticas criminosas, ao contribuir para uma moral fraca e uma sociedade pouco vigilante.

A mídia sustenta os discursos dominantes através da retórica, não buscando definir o que é certo ou verdadeiro, mas, busca fazer com que o interlocutor chegue à conclusão de que o transmitido é verdadeiro através do poder de convencimento do discurso produzido, mesmo sendo o discurso esvaziado de fatos, o que permite ao interlocutor pensante, perceber as armadilhas da retórica e não aceitar o discurso.

Ao produzir esse discurso retórico, que relaciona diretamente *crime à pobreza*, a *mídia* fomenta o preconceito, marginalização e criminalização dos pobres. O que se apresenta como mais um obstáculo para a integração social. Além dos abismos econômicos, tem-se também distanciamento nas relações sociais, o que, como já afirmado neste artigo, implica no enfraquecimento da moral coletiva, reduzindo também o nível de capital social, corroborando com os altos índices de violência.

Os mitos, produzidos ou mantidos pela mídia carecem de base sólida para sua sustentação, apesar da ideologia propagada parecer dominante, como demonstramos aqui, com um pouco de esforço intelectual conseguimos superar o mito das classes sociais e da criminalidade, o mito das classes perigosas e da patologia, o mito da ordem e da desordem (PAIXÃO, 1990), a tese que relaciona *pobreza e criminalidade*, que também pode ser chamadas de *teorias da classe perigosa*, *teorias da marginalidade e estratégias de sobrevivência*, a tese de que o “bandido” se encontra nas áreas mais pobres da cidade, a tese de que grupos como, capoeiras, negros e mulatos das favelas utilizavam de estratégias como a ética da malandragem como técnica de sobrevivência, a tese referente à atribuição dos migrantes da zona rural, principalmente os nordestinos e nortistas ao aumento da criminalidade e tese que relaciona a violência à luta de classe (MISSE, 2007).

## Referências

ASSIS, Machado. Bons dias. *Obra Completa*, vol. III, Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro, 1994.

BEATO F., Cláudio & REIS, Ilka Afonso; *Desigualdade, desenvolvimento sócio-econômico e crime*. Disponível em: < www.crisp.ufmg.br>. Acesso: em 20 de setembro de 2006.

\_\_\_\_\_. *Determinantes Da Criminalidade em Minas Gerais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1998, v.13, n.37: 74-89.

CAMINHAS, Diogo Alves & BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. *O medo da violência e a segurança privada: reflexões sobre a cidade de Montes Claros*. Montes Claros, Revista Econômica, 2006.

CAMPOS, Edmundo. *Sobre sociólogos pobreza e crime*. Rio de Janeiro. *Dados*, V.23, n.3, 1980

DIAS JUNIOR, Cláudio Santiago. Capital social e violência: uma análise comparada em duas vilas de Belo Horizonte. 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DURKHEIM, Emílie. *As regras do método sociológico*. Martin Claret, São Paulo, 2002.

FRANÇA, Ronaldo. *A cidade que o medo construiu*. Revista Veja. Editora Abril, São Paulo 21/04/2004.

GLASSNER, Barry; *Cultura do medo*. Editora Francis. São Paulo, 2003.

GOMES, Wagner. *Em 2030, 90% da população será urbana, diz Nações Unidas*. Disponível em: <www.oglobo.com > . Acesso em: 01 de outubro de 2007.

MAGNOLI, Demétrio & ARAÚJO, Regina. *Novas tendências da urbanização brasileira*. Disponível em: <www.moderna.com.br >. Acesso em: 20 de novembro de 2007.

\_\_\_\_\_. *Ideologia do sanitarismo social identifica a periferia ao crime*. Disponível em: <http://www.moderna.com.br > Acesso em: 18 de novembro de 2007.

MISSE, Michel. *Cinco teses equivocadas da criminalidade urbana no Brasil*. Disponível em: <www.necvu.ifcs.ufrj.br > Acesso em 22 novembro de 2007.

\_\_\_\_\_. "Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas". In: Villas Boas, G. e Gonçalves, M.A. (orgs.). *O Brasil na virada do século*. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1995b.

PAIXÃO, Antonio Luiz. *A Violência Urbana e Sociologia: Sobre Crenças e fatos e Mitos e Teorias e Políticas e Linguagens e...*, Rio de Janeiro, "religião e sociedade, vol.15, n.1. ISER/CER, 1990.

POLICIA MILITAR DE MINAS GERAIS-10ºBPM. *Banco de Dados do COPOM*. Montes Claros, 2005.

QUINNEY, Richard. *O controle do crime na sociedade capitalista: uma filosofia crítica da ordem legal*, in Taylor, Walton e Young, *Criminologia Crítica*. Editora Graal. São Paulo, 1980.

SECCO, Alexandre & SQUEFF, Larissa. *Explosão da periferia*. Revista Veja. Editora Abril. São Paulo 24/01/2001.

SILVA, Geélison Ferreira & BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. *A percepção da violência e a confiabilidade na polícia*. I Fórum Ensino Pesquisa e Extensão. Montes Claros, 2007.

SILVA, Luiz Antônio Machado. *Criminalidade violenta e uma nova perspectiva de análise*. Revista de Sociologia e Política, n.13: 115-124/1999, 1999.

SIMMEL, Georg. “*A metrópole e a vida mental*” in: Velho, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987 [1902], p. 11-25.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Livraria Pioneira Editora. São Paulo 1989.

ZALUAR, Alba. *Da revolta ao crime S/A*. Editora Moderna. São Paulo, 1996.